

José João Cury

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Operando com a intertextualidade, com a transposição da narrativa romanesca para a fílmica, perpassando pela interpretação ideológica e focando sempre a contextualização autoral, os trabalhos aqui apresentados transitam por esses procedimentos estruturantes.

Palavras-chave: Intertextualidade. Narrativa fílmica. Ideologia.

Fazem parte deste caderno artigos de Mestres e Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, resultados ora das dissertações apresentadas, ora dos trabalhos de fim de curso. Ressaltam a intertextualidade e a transposição da narrativa romanesca para a fílmica como elementos estruturantes dos textos analisados, enfatizando o repertório ideológico autoral determinante da produtividade do discurso.

A ópera burlesca *Ópera do mendigo*, de 1727, de John Gay, vai servir de texto-objeto para as relações intertextuais de Chico Buarque de Hollanda, *A ópera do malandro*, e Bertolt Brecht, *A ópera dos três vinténs*, feitas por Sueli Regina Leone no seu trabalho *Três óperas às avessas: elos intertextuais*. Analisando as personagens das peças indicadas, aponta os pontos de contato e de diferenças que levam sempre à paródia. A autora não perde de vista a contextualização determinante das enunciações operantes e das estruturas dramáticas, preocupando-se com a ideologia que subjaz a tudo isso.

Já Cristina Tischer Ramali elabora o seu trabalho comparando um texto shakesperiano *Sonho de uma noite de verão* com *O parque* de Botho Strauss, autor contemporâneo inglês. Além das relações dialógicas apontadas entre os textos, Cristina pesquisa a problemática do metateatro, identificando a tragédia *Píramo e Tisbe* como texto-objeto. Utiliza-se também do conceito de interdiscursividade para chegar à



MACKENZIE

ideologia dominante ao afirmar: “As obras aqui analisadas exemplificam o poder da palavra enquanto materialização da ideologia dominante. Shakespeare exterioriza os valores renascentistas em *Sonho de uma noite de verão*, assim como Strauss evidencia o racionalismo do século XX, em *O parque*”.

Os autores considerados malditos Plínio Marques e Bernard-Marie Koltès, com suas obras *Dois perdidos numa noite suja* e *Na solidão dos campos de algodão*, respectivamente, são comparados por Dennis Brandão Monte Pires, em *O teatro marginal*. Enfatiza-se no trabalho a relação humana negociada pelo poder da vontade de sobrepor-se às paixões humanas. É analisada, também, a estrutura, a narrativa dramática, a agressividade, a linguagem chocante de Plínio Marques e a poeticidade do discurso de Koltès. O autor não descarta a biografia dos autores como motivo basilar para desenvolver o seu discurso crítico.

Sob o enfoque da transmutação da narrativa dramática para a linguagem cinematográfica, Cláudia Rodrigues Dias Taamy utiliza a peça de Osman Lins, *Lisbela e o prisioneiro*, enquanto motivo de transcodificação. O texto, a organização, o espaço e o tempo são os elementos sobre os quais opera o processo de adaptação. Recortando a cena fílmica da “metamorfose da mulher gorila”, a autora enuncia, também, as relações intersemióticas entre a música, o filme e o texto dramático.

Embasada em Marx, Lukács, Althusser e Bahktin, Silvana Valdomiro Linhares analisa as representações em que a violência se manifesta no romance *Cacau*, do jovem Jorge Amado; violência provocada e criada, principalmente pela “acumulação primitiva do capital” dos grandes latifundiários. A ideologia, enquanto alienação criadora de ilusão, e conseqüentemente a redução dos salários, a prostituição, as agressões físicas, a exploração dos filhos pelos pais e os signos ideológicos são a trajetória por onde transita a autora.

Trabalhando com os rituais de passagem, isto é, os rituais de iniciação, mais especificamente os sexuais, Raquel Lima Botelho em *O rito de iniciação nos contos*, *As cerejas*, de Lygia Fagundes Telles e *Missa do Galo*, de Machado de Assis, procura, pela memória dos narradores, apresentar a morte simbólica e o renascimento imediato das transformações por que passam os protagonistas dos contos analisados, constatando as suas experiências iniciáticas. Figuras de retórica e procedimentos como o monólogo interior e o fluxo da consciência são levantados como elementos estruturantes das narrativas.

Em *Primeiras estórias: dos contos aos filmes*, de Jerônimo Pereira Júnior, a ênfase recai sobre Guimarães Rosa, ora como exímio contista, ora como motivo para a filmografia de Néelson Pereira dos Santos e Pedro Bial. Para analisar Guimarães Rosa, o autor utiliza Bakhtin para quem é “na forma onde mais percebemos a sua presença” (a do autor). Quanto aos filmes, Bial, intersemioticamente, labora cinema, teatro e literatura, ao passo que Néelson Pereira dos Santos explora o visível, exigindo do espectador o prévio conhecimento do conto *A terceira margem do Rio*.

Da narrativa romanesca de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, a *Guerra de Canudos* à transcodificação fílmica de Sérgio Rezende, Cláudia do Amaral em *Anto-*



nio Conselheiro: do Povoado Baiano ao filme da Guerra de Canudos: um olhar sobre a imagem constituída mostra o valor que o cinema tem para a cultura humana, provocando uma nova relação do ser humano com o mundo circundante e a sua responsabilidade para com a mudança de sensibilidade estética. A análise se faz ao observar os elementos audiovisuais que isomorfizam o conteúdo fílmico de Canudos, além de constatar um Antônio Conselheiro como uma personagem “monarquista fanático religioso que insuflou o povo ignorante contra o exército da república”, exaltando a religiosidade que sempre está “intrinsecamente ligada à identidade nacional”.

Da presença do riso nas versões cinematográficas sobre a vida de Jesus Cristo, José Ricardo Cano em *O riso sério: um estudo sobre a paródia*, apresenta uma rápida diacronia sobre a tensão existente entre o sério e o cômico, partindo de Aristóteles, da célebre oposição entre tragédia e comédia, até chegar à noção de paródia com Bakhtin e Linda Hutcheon. Daí, o conceito é apropriado para a análise intertextual empreendida entre a *A jangada de pedra*, de José Saramago e *Os Lusíadas*, de Camões. Se a paródia enfatiza a linguagem-objeto, subvertendo-a ou homenageando-a, na relação feita, o contraste é obtido pela linguagem operada e o texto parodiado é mais homenageado do que ridicularizado, despertando um prazer que advém da identificação com o texto parodiado. As relações intertextuais são ilustradas pelo episódio do navegante Solitário de *A jangada de pedra* a parodiar o canto nono de *Os Lusíadas*. A paródia desperta no receptor um prazer, diz Cano, que o obriga “a ativar processos cognitivos que o levam a interagir profundamente com o texto”, levando o leitor, pela imaginação, ao riso-sério.

Ariadne Carneiro do Nascimento, no seu trabalho *A medievalidade carnavalizada em “Merlim ou a terra deserta”*, de Tankred Dorst, analisa as relações dialógicas entre a peça teatral *Merlim ou a terra deserta* e o mito do Rei Artur. Trabalhando com as semelhanças e as diferenças entre os textos, utiliza-se dos procedimentos do grotesco e da carnavalização bahktinianas e da teoria da paródia, para desenvolver a sua análise. Servem como textos-base: *Merlim*, de Robert de Boron, *A demanda do Santo Graal* e *A morte do Rei Artur*, de autor desconhecido.

Avaliando a intertextualidade não só como processo lingüístico, mas também como “construção da chamada Cultura Humana” e “conhecimento de mundo”, Edgar Belle analisa, em seu ensaio *Um olhar intertextual em: Navegar é preciso, viver não é preciso*, o verso de Fernando Pessoa, considerando-o como a estrutura desencadeadora de relações que o moveram a dialogar diacronicamente com o discurso histórico, político, poético-musical e cibernético. Para tanto foram utilizados textos de Fernando Pessoa, do conjunto *O Rappa*, de Plutarco, de Ulysses Guimarães, de Caetano Veloso e de Gabriel, o pensador. Textos e contextos, todos ditos terrestres, foram percorridos pelo autor na sua análise, mas “Agora, tendo descoberto todos os mistérios do nosso globo terrestre, faz-se uma mutação e o navegar terrestre se prolifera em internético”.

Dialogando o discurso teatral com o texto jornalístico, sua práxis e sua ética, Daniel De Thomaz, no seu artigo *Nelson Rodrigues e a ética jornalística na peça Beijo no asfalto*, aponta as implicações que a profissão de jornalista exerceu sobre o



seu texto dramático. Para tanto, opera com a Análise do Discurso de linha francesa “para identificar as diversas formações discursivas presentes no discurso teatral da peça que parafraseiam os preceitos da ética jornalística”. Recorta alguns trechos da peça, os quais, embasados em Anne Ubersfeld, ilustram o escamoteamento do discurso de um locutor jornalista, enfatizando uma ética jornalística distorcida.

Os artigos apresentados são, sem dúvida, uma cabal amostragem do caminho percorrido pela pesquisa que se consolida no Programa de Pós-Graduação em Letras.

From intertextuality to filmic transcodification

ABSTRACT

Working with the intertextuality, with the transposition from the romanesque narrative to the filming narrative, going over the ideological interpretation and always focusing the authorial contextualization, the works here presented always go through these structuring procedures.

Keywords: Intertextuality. Filming narrative. Ideology.

